

REVISTA
PORTUGUESA
de HISTÓRIA

tomo XXXI

**Homenagem ao Doutor
Salvador Dias Arnaut
Volume I**



COIMBRA 1996
FACULDADE de LETRAS
da UNIVERSIDADE de COIMBRA
INSTITUTO de HISTÓRIA ECONÓMICA e SOCIAL

Revista Portuguesa de Historia
t. XXXI, Vol. 1(1996)

NOTAS SOBRE ESCULTURA ANTIGA OS RELEVOS DO DUQUE DE LOULÉ

J.M. BAIRRÃO OLEIRO
(*Universidade Nova de Lisboa*)

*À memória de Salvador Dias Arnaut,
querido Amigo e companheiro de muitos
anos e de lutas, por vezes inglórias, pela
defesa do património.*

Quando estudava a cratera tida como romana e dada como proveniente de Milreu¹, recebi do seu proprietário uma carta, datada de 24 de Abril de 1950, em que dizia, entre outras coisas:

“...Como V. Ex.ª gosta e se dedica a êstes estudos, alguma vez que se encontre em Lisboa e isso lhe interesse, poder-lhe-ia facilitar ver uns altos relevos (quadrigas) de que sou participante na propriedade, peças que os críticos ainda não conseguiram chegar a uma conclusão se são gregas se romanas. Estes altos relevos estiveram por muito tempo no Museu das Janelas Verdes e tivemos as maiores dificuldades para os reaver. ¹

¹ J.M. Bairrão Oleiro, “A cratera de Milreu”, in *Conimbriga*, vol.I, Coimbra, 1959, pp.75-81.

Se lhe interessar e assim o desejar poderei facilitar-lhe o exame quando se apresente a oportunidade....”

Como se calculará manifestei logo o grande interesse que tinha em examinar as esculturas, o que fiz na primeira oportunidade que me surgiu, em data que não consigo recordar com exactidão mas que situou entre Julho e Novembro de 1950. Do que não me esqueço é da forte impressão causada pela visão directa dos painéis esculpidos que, embora fosse ainda “noviço” em matéria de história da arte antiga, me pareceram dois magníficos exemplares de escultura neo-ática de que, confesso-o, nunca encontrara qualquer referência. Em duas placas de mármore, com as dimensões de 0^m,76 x 1^m,45, viam-se duas quadrigas conduzidas por figuras femininas e precedidas por figuras masculinas. Numa delas (Fig. 1) tudo indica uma situação de corrida, da outra (Fig.2), pela atitude da condutora refreando a fogaosidade dos cavalos e do personagem masculino, que parece aguardar um sinal de partida, colhe-se uma sensação de impaciência contida. Há diferenças entre



Figura 1 - Hemera e Phosphoros.



Figura 2. Nyx e Hésperos

o tratamento escultórico dos dois relevos e, com pequenos estragos, pode dizer-se que o estado de conservação em que tinham chegado aos nossos dias era muito bom.

Obtida documentação fotográfica preparava-me para os estudar quando, em Novembro desse mesmo ano de 1950, um grande especialista de arte grega, o Prof. Charles Picard, veio a Portugal fazer uma conferência subordinada ao título “Hésiode et les reliefs dits de Lisbonne”, em que, com a competência que todos lhe reconheciam, deles se ocupou em pormenor. Conhecemo-nos nessa oportunidade, falámos dos relevos e dois meses depois enviou-me separata de um artigo que recentemente publicara².

Partindo da análise de um friso de faiança da Villa de Poggio a Caiano, na Toscana, construído por Giuliano da San Gallo, Picard estabelecia a sua relação com os dois relevos de Lisboa, que constituiriam um conjunto; pronunciava-se sobre a sua autenticidade e antiguidade, desfazendo dúvidas que haviam sido suscitadas

² Ch.Picard, “Sur les reliefs dits du Duc de Loulé a Lisbonne”, in *Annuario della Scuola Archeologica di Atene e delle Missioni Italiane in Oriente*, vol. XXV-XXVI, Roma, 1950, pp. 213-220. Com bibliografia anterior.

por alguns autores; referia paralelos; citava um texto da Teogonia de Hesíodo (748 e ss) que clarificaria a questão do significado e interpretação das esculturas; e situava-os no tempo, nunca antes da época helenística, mas possivelmente nos começos do século III a.C. Nas duas placas de mármore estariam representadas divindades astrais, respectivamente Hemera e Phosphoros, e Nyx e Hésperos. Não se trataria, pois, de uma cena de género (corrida de quadrigas), nem de uma representação mitológica, mas sim de um conjunto com intenção alegórica: a figuração dos génios da Luz e da Noite, “na corrida alternada e quotidiana dos carros celestes”.

O que ouvira na conferência e na conversa que tivera com o Prof. Picard e, principalmente, o que li nesse magistral artigo, convenceram-me da inutilidade de prosseguir o estudo que me propuzera fazer, dado não ter possibilidade de lhe acrescentar algo de novo. Mas os relevos do Duque de Loulé, em Lisboa, continuaram sempre a interessar-me, mesmo quando soube que, verdadeiramente, já não havia qualquer motivo para assim os podermos designar. E que, há alguns anos, ao consultar o catálogo de uma exposição realizada em Genebra, senti grande desilusão quando deparei com os baixos-relevos neo-áticos, que ainda julgava em Portugal, integrados na colecção da Fundação Martin Bodmer, Cologny, Genebra³.

Dörig reproduz-os e descreve-os sob o n.º 5A e B: dá-nos a bibliografia essencial; uma descrição detalhada; identifica o material como mármore do Himeto e aborda outras questões, como a da origem das peças e a sua divulgação; situa-os nos finais do

³ José Dörig (Publ.), *Art antique. Collections privées de Suisse Romande*, Editions archéologiques de l'Université de Genève, 1975, sem numeração de páginas.

século II a.C., data mais baixa do que a proposta por Picard, mas aceita a interpretação deste.

Quanto à origem parece não haver dúvidas de que tenham vindo de Itália, embora não seja fácil dizer exactamente como e de onde. Pompeia e Herculano foram referidos como lugares de proveniência⁴, mas também se falou de aquisição no mercado de antiguidades de Roma ou que teriam sido oferecidos pelo rei de Nápoles ao Duque de Marialva, embaixador junto daquela corte em 1775, quando de uma visita a Herculano⁵. No arquivo do Museu Nacional de Arte Antiga existe, porém, um officio do Director-Geral da Fazenda Pública ao Director do Museu, com a data de 24 de Julho de 1947, em que se lê que, segundo os interessados na venda das esculturas (os herdeiros e proprietários): “... os baixos relevos gregos foram comprados em Itália pela (sic)ultimo Marquês de Marialva, D. Pedro de Menezes, quando embaixador de El-Rey D. João VI junto dos Estados Pontifícios. Por morte deste Senhor passaram para sua irmã, a marquiza de Loulé, e, por ela, para o Duque do mesmo título...”. É outra hipótese a ter em conta, mas, de qualquer forma, as peças de há muito que tinham entrado no património artístico nacional.

José Dörig diz-nos que raros são os investigadores que conheceram directamente os relevos e que a base dos estudos feitos eram fotografias ou os moldes que o Akademisch Kunstmuseum de Bona possuía desde 1841. Em Portugal, que saibamos, ninguém os estudou, mas figuraram na Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola, realizada em Lisboa em 1882, em cujo catálogo, na página 166, têm os números 802 e

⁴ Picard, *op.cit.*, p.214,n.5.

⁵ Segundo Dörig.

803. Sabemos, por documentos do Museu Nacional de Arte Antiga, que o recibo da entrega pelos proprietários à Comissão Organizadora, em 7 de Janeiro de 1881, foi assinado pelo arqueólogo e numismata A.C. Teixeira de Aragão. Por razões que não conheço objectivamente os dois baixos-relevos terão, depois, ficado depositados no Museu durante muitos anos.

A 13 de Agosto de 1915, em carta dirigida ao Presidente do Conselho de Arte e Arqueologia de Lisboa, 1ª Circunscção, um representante dos herdeiros do primeiro Duque de Loulé e comproprietários dos relevos, declara terem estes acordado em retirá-los, oferecendo ao museu, em caso de venda, o direito de opção⁶. Da resposta do Dr. José de Figueiredo, então director do Museu, a quem a carta fora remetida, depreende-se que as peças haviam sido entregues não à direcção do MNAA mas a uma comissão nomeada pelo Governo e que caberia à Comissão Executiva do Conselho de Arte propor o que houvesse por conveniente, mas, em caso de entrega, os relevos deveriam ser fotografados e comunicar-se aos interessados as obrigações legais, entre elas a impossibilidade de os exportar para o estrangeiro. Por um officio, de 7 de Maio de 1925, do Presidente da 1.ª Circunscção (Lisboa) do Conselho de Arte e Arqueologia ao director do Museu, fica a saber-se que os comproprietários teriam voltado a pedir a entrega e a licença para exportar os relevos, referindo-se a oferta de compra por um museu estrangeiro (não nomeado) por 7.500 libras ouro, com direito de opção por parte portuguesa por igual quantia. Pela resposta verifica-se que o Museu, como é natural, mantém a opinião de que as peças não poderão, de forma alguma, ser exportadas.

⁶No arquivo do M.N.A.A.

Compreende-se a aspiração dos legítimos proprietários de reaver os relevos depositados no Museu Nacional de Arte Antiga havia tantos anos; pode perceber-se o desejo de venda por parte dos numerosos herdeiros do Duque de Loulé, possivelmente até por maior facilidade de partilha; mas têm de entender-se também as preocupações de José de Figueiredo e, mais tarde, de João Couto, quanto à possibilidade de saída do país de duas magníficas obras de escultura antiga, em que as colecções públicas eram manifestamente pobres.

Por ofício do Director-Geral das Belas Artes, foi comunicado ao director do MNAA que o Ministro da Educação, em despacho de 29 de Junho de 1927, havia determinado que os relevos fossem entregues aos proprietários, devendo estes ser avisados das prescrições da lei 1.700 e seu regulamento sobre a alienação dos mesmos. E existe documento comprovativo da entrega em 16 de Julho do mesmo ano.

Julgo que com base num parecer da Junta Nacional da Educação, de que, em 1938, foi relator Diogo de Macedo, em que se propunha que as peças fossem “já registadas, segundo ordenam as leis portuguesas” e que, em sua opinião, “se deveria, além disso, tentar a sua aquisição para voltarem ao Museu das Janelas Verdes, onde estiveram depositadas afim de se lhes evitar qualquer desacato ou mesmo o seu extravio, pois são duas obras de mérito particular que naquele Museu deviam figurar”, os baixos-relevos foram inventariados pelo decreto n.º 29.604, publicado no Diário do Governo, n.º 112, de 16 de Maio de 1939, com a seguinte redacção:

“Art.4º-São inventariados os seguintes móveis:

Distrito de Lisboa Concelho de Lisboa

Dos Exmos Duques de Loulé Herdeiros):

Corridas de quadrigas. Dois baixos relevos de mármore de antiga origem grega.

Dimensões: 0^m,70 por 1^m,36 e 0^m,70 por 1^m,45.”

Com esta inventariação as esculturas ficavam sujeitas às disposições legais que regulavam a sua alienação dentro do território nacional e impediam a saída para fora dele. Os herdeiros e proprietários pediam por elas, em 1938, setecentos mil escudos e sabemos que o Museu Nacional de Arte Antiga continuava interessado na sua aquisição por parte do Estado, tendo colhido a opinião de vários especialistas, entre os quais o Prof. Beazley, de Oxford, e Sir John Forsdyke, director do Museu Britânico. No arquivo do MNAA há também um documento que nos fala do interesse dos Professores Earl Levee Crum e D. M. Robinson, em conexão com as escavações de Olinto, certamente relacionado com o mosaico da Vila da Boa Fortuna.

As negociações foram seguramente complicadas e morosas, mas o Museu, em 12 de Agosto de 1947, declarava ao Director-Geral da Fazenda Pública que continuava muito interessado na compra dos relevos, que ainda em 1956 estavam na posse dos herdeiros do Duque de Loulé. Sabendo das dificuldades que havia para se conseguirem meios financeiros para aquisição de obras de arte para os museus, num tempo em que ainda não existiam leis do mecenato, não me admira que o Museu Nacional de Arte Antiga não tenha conseguido concretizar o seu desejo. Mas a saída para fora do país, em data que não consegui determinar, de peças inventariadas, não deixou de me intrigar até ao dia em que, casualmente, deparei com um documento que a explicava⁷.

⁷ As transferências de arquivos ocasionadas pelas transformações de serviços

Com base num parecer, elaborado por pessoa muito estimável mas que não seria a mais indicada para se pronunciar sobre o assunto, em que se aludia ao facto de os relevos terem uma cronologia mais baixa do que inicialmente se pensara e à existência de outros exemplares, terá sido tomada a decisão de anular a inventariação, o que veio a permitir, pela falta do uso de direito de opção por parte do Estado, a sua venda para o estrangeiro.

Esqueceu-se, porém, que o problema das diferenças cronológicas não retirava qualquer valor aos relevos como obras de arte antiga, que as réplicas existentes, como as de Herculano e Efeso, não estavam em Portugal, e que se privava o país de duas magníficas esculturas de um período praticamente não representado, que saibamos, nas colecções públicas e privadas.

Dörig⁸ termina a ficha do catálogo com estas palavras: "Ces tableaux sculptés ne représentent pas des sujets tirés d'une mythologie présente dans les croyances religieuses du peuple, mais des allégories chères aux lettrés et aux connaisseurs de l'art. La simple antithèse du Jour et de la Nuit qui régit le rythme des années souligne de façon subtile des accords nuancés qui caractérisent la variété de la condition humaine."

As posições dos letrados e conhecedores de arte que lutaram em vão para que fosse possível conservar em Portugal duas obras já integradas há tanto tempo no patrimonio nacional não fizeram, infelizmente, vencimento. Os relevos já não são de Lisboa, mas de Genebra... Para os que nunca tiveram a possibilidade de os

públicos, nem sempre realizadas com os devidos cuidados, não me permitiram, no tempo de que dispunha para a entrega deste original, localizá-lo e relê-lo. Apenas posso fazer fê na memória, com esperança de que me não atraíçoe.

⁸ *Ob. cit.*

ver directamente aqui lhes deixo as fotografias; para os que se empenham na defesa do patrimonio ficam estas notas de pequena e triste historia para que se tenha sempre presente a necessidade de estar atento.